

## À SEMELHANÇA DE OvíDIO: POÉTICA DO EXÍLIO EM LI BAI

### SIMILAR TO OVID: THE POETICS OF EXILE IN LI BAI

**CARLOS ASCENSO ANDRÉ**

Universidade de Coimbra e Universidade Politécnica de Macau

caa@fl.uc.pt

<https://orcid.org/0000-0003-3390-1406>

**ZHANG YUNFENG**

Universidade Politécnica de Macau

ID ORCID 0000-0002-9995-8432

zhangyunfeng@upm.edu.mo

Texto recebido em / Text submitted on: 18/07/2025

Texto aprovado em / Text approved on: 10/09/2025

#### **Resumo**

A Ovídio e à poesia que compôs a partir do seu exílio, os *Tristia* e as *Epistulae ex Ponto*, deve-se a criação daquilo que podemos designar por «poética do exílio». Depois dele muitos poetas das diversas literaturas cantaram os seus exílios, utilizando os mesmos temas, a mesma estratégia, os mesmos tópoi, alguns por influência direta dele, outros apenas por serem semelhantes as situações. Li Bai, um dos maiores poetas chineses, que viveu uma vida errante que ele mesmo chegou a considerar um exílio, dedicou também diversos poemas a essa sua condição. O objetivo deste trabalho é apontar um conjunto de coincidências e semelhanças entre a poesia de Li Bai, no que a esse tema diz respeito, e a poética do exílio ovidiana, apesar de ser evidente que não pode ter sido influenciado pelo poeta latino, cuja obra era totalmente ignorada na China do seu tempo.

**Palavras-chave:** Ovídio, Li Bai, exílio, poética do exílio, literatura comparada.

**Abstract**

Ovid and the poetry he composed during his exile, *Tristia* and *Epistulae ex Ponto*, are responsible for the creation of what we might call a “poetics of exile.” After him, many poets from different literatures reflected their exiles in their poetry, using the same themes, the same strategy, the same topoi, some directly influenced by him, others simply because their situations were similar. Li Bai, one of the greatest Chinese poets, who lived a wandering life that he himself came to consider an exile, also dedicated several poems to his condition. The aim of this work is to point out a set of coincidences and similarities between Li Bai’s poetry, in relation to this theme, and Ovid’s poetics of exile, although it is clear that he could not have been influenced by the Latin poet, whose poetry was totally ignored in China at that time.

**Keywords:** Ovid, Li Bai, exile, poetics of exile, comparative literature.

Surgiu há alguns meses nas livrarias portuguesas uma coletânea do poeta chinês Li Po (ou Li Bai), com o sugestivo título *Um copo de vinho no exílio*. A edição (e, presume-se, também a tradução) é da responsabilidade de Manuel Silva-Terra, poeta com obra publicada, embora isso não seja referido no livro.

Li Bai ou Li Po ou ainda Li Bo, formas diferentes de grafar o seu nome em caracteres ocidentais, é um poeta chinês da dinastia Tang (séc. VII a séc. X), uma das dinastias mais ricas, do ponto de vista cultural, da história chinesa. Li Bai e Du Fu serão, porventura, os dois nomes mais sonantes no que respeita à poesia, mas a eles podem ainda juntar-se, por exemplo, Wang Wei ou Bai Juyi, para referir apenas quatro dos mais notáveis poetas desses séculos. Alguma poesia de Li Bai, além da que figura na obra supracitada, tem sido divulgada em português especialmente por António Graça Abreu, em obras como *Poemas de Li Bai*<sup>1</sup> ou *Cem Poemas de Li Bai* (2021), a par de outras traduções da responsabilidade de diversos editores, com bem menor número de poemas, em particular no Brasil.

Nasceu Li Bai em 701, provavelmente no Turquestão, ou seja, em território que é atualmente parte do Quirguistão<sup>2</sup>, mas ainda em plena infância radicou-se em Chengdu, naquela que é hoje a província de Sichuan.

*Um copo de vinho no exílio* não é, em boa verdade, uma obra de Li Bai; trata-se de uma coletânea de poemas do poeta chinês que figuram em obras ou antologias publicadas na China, mas o título do livro é da responsabilidade

---

<sup>1</sup> Abreu 1996. A 1ª edição desta obra saiu em 1990.

<sup>2</sup> Abreu 1966: 13.

apenas do editor e tradutor. A opção por tal título fica seguramente a dever-se ao facto de o vinho ocupar um lugar importante na poesia de Li Bai. Um outro poeta, Du Fu, seu amigo e contemporâneo, tem um poema que reflete a importância do vinho na sociedade de então (e na cultura): 飲中八仙歌, («Canto de imortais a beber»), no qual evoca um conjunto de figuras notáveis que se entregam ao convívio à volta do vinho, entre as quais está Li Bai.

A escolha da segunda palavra do título, entretanto, também não surge do acaso; outra das marcas deste poeta, justamente considerado por muitos autores o maior poeta chinês, é a errância. Percorreu grande parte do território do império, numa vida quase nómada que justifica plenamente a forma como intitulou a obra que lhe dedica um dos seus mais atentos estudiosos, Ha Jin, *The Banished Immortal: a life of Li Bai*, na qual o designa como “knighterrant and itinerant bard”.<sup>3</sup>

Esta é, afinal, uma circunstância que espelha bem o seu tempo e para cuja compreensão seria sem dúvida relevante apreciar o contexto histórico em que viveu, a dinastia Tang, com todas as suas convulsões políticas e sociais e com os jogos de poder que ditaram sucessivos cenários de conflitos, não raro com elevadas perdas de vidas humanas. Como seria de toda a conveniência dissertar, ainda que brevemente, sobre as correntes filosóficas dominantes na época, para melhor se compreender o enquadramento do poeta na doutrina do taoísmo, inquestionavelmente um traço característico do quadro concetual em que se moveu e de que resulta parte da sua produção poética.

Seria, por outro lado, importante, em relação ao outro polo da comparação feita no presente trabalho e se é possível antecipar um pouco o que adiante se dirá, compreender as circunstâncias do exílio de Ovídio, o mistério que o envolve, o contexto histórico-político que o ditou e o seu significado do ponto de vista jurídico. De resto, convém desde já deixar claro que o «imortal exilado» que foi Li Bai não foi objeto de qualquer condenação, pelo que o seu exílio, mais de carácter poético ou, pelo menos, opcional, do que jurídico, é bem distinto, como adiante se dirá, do de Ovídio, com cuja obra aqui se estabelece um paralelo.

Tudo isso, repita-se, seria pertinente para mais claro ficarem as opções conceptuais em que nos movemos. As limitações de espaço, no entanto, a que um trabalho desta natureza está sujeito, não permitem ir tão longe,

---

<sup>3</sup> Ha Jin 2019: 145. Neste trabalho seguiram-se as informações em especial deste autor e ainda as de Abreu (1996 e 2021) e bem assim de Walley 1950 e o muito enriquecedor estudo de Vasano 2003.

uma vez que toda essa reflexão não seria compatível com tais limitações, que necessariamente teria de exceder. Ao assumir-se a consciência de tal fragilidade, assume-se igualmente que a reflexão aqui feita se expõe a justas críticas. Fica a confissão, com a devida *captatio benevolentiae* ao leitor.

As circunstâncias de vida do poeta Li Bai deixaram, portanto, marcas visíveis na sua produção poética, como facilmente se compreende e como sucedeu com muitos outros nomes da literatura que viveram semelhante experiência. Não faltam, por isso, estudos dedicados à literatura que tais circunstâncias de vida terão originado e que legitimam a designação «poética do exílio».<sup>4</sup>

O primeiro de todos esses poetas ou, pelo menos, o que mais significativas manifestações em seus versos nos deixou nesse domínio foi o poeta romano Ovídio. Banido de Roma para os confins do império, para a longínqua cidade de Tomos, nas margens do Mar Negro, no território da atual Romênia, Ovídio cantou de forma insistente a sua experiência de exilado. Pode bem afirmar-se que, na poesia ocidental, foi ele o fundador daquilo a que podemos chamar «poética do exílio».<sup>5</sup> Não que tenha sido ele o primeiro a cantar as dores da ausência ou os males do degredo; mas foi, sem dúvida, o primeiro a fazê-lo de uma forma sistemática, a ponto de, a partir da sua obra, ser possível elaborar os traços fundamentais dessa mesma poética e que assim se podem enumerar sumariamente.<sup>6</sup> Desde logo, as insistentes referências às causas do desterro e a afirmação de inocência, ou seja, da injustiça da sua condição.<sup>7</sup>

Além disso, a consciência dorida dos efeitos do tempo e do espaço, isto é, o peso da distância, a diferença entre o território do passado ou raiz e o do presente e entre os tempos de cada um deles. O tempo assume nesse aspeto uma

---

<sup>4</sup> Seria impossível referir aqui todos os estudos dedicados ao assunto. Merecem especial destaque, por lhes ser particularmente devedora a presente síntese e que, por isso mesmo, por ser síntese, nem sempre faz justiça à influência de cada um: André 2007; Equipe de Recherche sur le Voyage 1986; Giamatti 1984; Guillén 2005; Karátson et Bessière 1982; Lagos-Pope 1988; Prevost 1979; Said 2000; Sladits 1977.

<sup>5</sup> São igualmente numerosos os estudos dedicados a Ovídio e, entre eles, os que têm como objetivo a sua obra do exílio. Foram particularmente importantes para as presentes reflexões os seguintes: Alberto 1997; André 1991; Bins 1993; Della Corte 1988; D'Elia 1959; Evans 1983; Fränkel 1969; Holzberg 2002; Knox 2006; Knox 2009; Nagle 1980; Nascimento e Pimentel 2007; Wilkinson 1962.

<sup>6</sup> Em boa medida, os temas ou *topoi* a seguir sucintamente elencados são os que resultam de uma leitura atenta das duas coletâneas ovidianas de poesia do exílio, os *Tristia* e também as *Epistulae ex Ponto*, grande parte dos quais vieram a repetir-se séculos fora na obra de poetas que sofreram e cantaram essa mesma experiência.

<sup>7</sup> Strelka 1981: 224.

dimensão especial, pois o afastamento não é apenas uma condição de espaço, é também e mais do que isso uma condição de tempo; o caminho de regresso ao momento da partida é impossível;<sup>8</sup> mas também por isso o poeta do exílio acaba por desenvolver uma espécie de «máquina retrospectiva».<sup>9</sup> Digamos que na redescoberta ou reinvenção do passado e da pátria perdida é a si mesmo que busca e à seiva que lhe é vital enquanto criador de um objeto artístico.<sup>10</sup>

Assim prisioneiro do espaço e do tempo passados, em vez de encontrar novas raízes, torna-se um cidadão de parte nenhuma; tudo perdeu, pelo que já nada podem tirar-lhe.<sup>11</sup>

Entre as marcas que daí resultam a primeira tem a ver com a viagem entre passado e presente, entre a terra de origem e a terra de exílio. A descrição coincide em regra com uma experiência tempestuosa, a sublinhar ser intransponível a distância.

O olhar que o exilado revela em relação à nova terra é sempre negativo: paisagem árida, clima insuportável, a maior parte das vezes frio, um geral sentimento de insegurança.

Daí decorre o agudizar da solidão, a que se somam debilidade física e psicológica, a doença, a progressão da idade, a velhice.

Assim sendo, o ânimo fica enfraquecido e oscila entre a esperança e o desalento; ora parece que vislumbra uma saída para o infortúnio, ora é o desespero que triunfa.

A única saída reside no fim inexorável. A morte é, por isso, presença regular na poesia de exílio; a condição de desterrado é uma espécie de morte, o que pode ser um bem, pois na morte está a esperança de a desventura findar.

Subsiste a memória como alento, libertação ou conforto. Funciona como elo de ligação com o passado ou como instrumento de conflito com o presente. Mas está também na memória a essência da nostalgia, à medida que se adensa a convicção de que não haverá regresso.

Neste labirinto de conflitos íntimos, o canto pode ser paradoxal: é lugar de refúgio e de sofrimento, mas é também veículo de lembrança da dor e da sua superação; de alguma forma, a escrita compensa a carência da pátria com a expressão literária do seu desejo.<sup>12</sup>

---

<sup>8</sup> Jankélévich 1974: 36.

<sup>9</sup> Brodsky 1989: 94-95.

<sup>10</sup> Karátson et Bessière 1982: 87.

<sup>11</sup> Exner 1986: 286-287.

<sup>12</sup> Karátson et Bessière 1982: 35-41.

Assim se desenham alguns dos *tópoi* que configuram, a partir de Ovídio, a «poética do exílio».<sup>13</sup>

Ovídio, bem entendido, não criou este tipo de literatura nem é o responsável por esses *tópoi*. Alguns deles vinham já de autores que o precederam, como Homero (embora, no caso deste, se trate de exílio de terceira pessoa), como Cícero, nas cartas de exílio, ou como Sêneca. Mas somente em Ovídio os encontramos de uma forma, por assim dizer, sistematizada. A diferença, aliás, entre os dois modos de “celebrar” o exílio, isto é, o “canto do exílio” e a “narrativa do exílio”, sugerem que ao primeiro se chame o modo ovidiano e ao segundo o modo odisséico.<sup>14</sup>

Muitos repetir-se-ão depois na escrita de exílio de vários autores em muitas outras literaturas, mesmo que não tenham recebido influência direta ou indireta do poeta latino. Mas é inegável que foi ele o modelo dessa formulação poética que atravessa a literatura dos séculos que se lhe seguiram.

Também Li Bai não conheceu a obra ovidiana nem alguma vez terá tido notícia, por difusa que fosse, do poeta romano. É materialmente impossível que à China do século VIII tivesse chegado qualquer eco da literatura latina do século I. Mas nem por isso deixa de haver algum fascínio no cotejo da obra de ambos os poetas, sublinhando as coincidências entre duas figuras de épocas tão distintas e culturas tão diversas.

São diferentes ambos os «exílios» — Ovídio foi condenado ao desterro por decisão imperial, Li Bai levou uma vida errante, ora por opção, ora em virtude dos condicionalismos sociais e políticos do seu tempo. Mas a ambas as situações pode aplicar-se a designação de exílio, que eles mesmos, de resto, utilizam; em boa verdade, não existem exílios voluntários, já que a ausência, como a errância, são ditadas por circunstâncias que a elas obrigam, ou seja, se tais circunstâncias se não impusessem a partida não teria acontecido.<sup>15</sup>

Observemos, pois, essas coincidências entre as linhas dominantes da poética do exílio, tal como foram desenhadas por Ovídio, e a obra do poeta chinês.

O poeta romano evoca repetidamente o momento do adeus, o dia da separação, como se, ao trazê-lo a todo o tempo à memória, fosse possível não o concretizar. Li Bai lembra igualmente o momento em que se separou da esposa e a deixou desfeita em lágrimas, junto ao portão da casa, condenada

<sup>13</sup> Esses *tópoi* são longamente estudados por Strelka 1981.

<sup>14</sup> Guillén 1976: 271-272.

<sup>15</sup> Sgard 1986: 292.

à solidão. Sobram-lhe também a ele as lágrimas e «a luz de uma candeia solitária» a alimentar-lhe a lembrança do dia da partida.<sup>16</sup>

À partida segue-se a viagem, por via de regra difícil, tempestuosa, arriscada, repleta de perigos. Assim é a descrição ovidiana,<sup>17</sup> como o será na poesia de Li Bai, que não se cansa de afirmar ser «difícil a viagem, difícil a viagem», imagem reforçada com o recurso ao processo chinês da repetição de caracteres ou caracteres aos pares, semelhante ao que na literatura ocidental chamamos anáfora.<sup>18</sup>

行路难，行路难

A água — do mar, no caso do poeta latino, e dos rios, no do poeta chinês — tornam-se, assim, elementos amplificadores da distância e do afastamento, seja pela sua dimensão, seja por serem uma espécie de muralha quase intransponível. Tão difícil de transpor que nem uma espada de lâmina bem fina logra cortá-las, afirma Li Bi em metáfora de rara beleza.<sup>19</sup>

É da angústia da ausência, afinal, que se trata, a mesma que dita a Ovídio os poemas dos *Tristia* ou das *Epistulae ex Ponto*. Para o poeta chinês a ausência tem a dimensão da distância que separa a terra pátria (ou o lugar de partida) da terra atual. Entre uma e outra estende-se uma imensidão de céu e uma não menor extensão de terra, duas vastidões em confronto — e que podemos imaginar somadas; o caminho entre ambas, duas linhas paralelas que nunca se encontram, é apenas o sofrimento infindável do autor do canto:<sup>20</sup>

上有青冥之长天，  
下有绿水之波澜。  
天长路远魂飞苦。

No alto, o céu azul imenso e profundo,  
em baixo, as ondas da água límpida a correr.  
Tão longo o caminho, tão vasto o céu – a alma sofre ao voar.<sup>21</sup>

<sup>16</sup> Abreu 1996: 234.

<sup>17</sup> Por exemplo em *Tr.* 1.2 ou 1.4.

<sup>18</sup> Abreu 1996: 246; 2021: 128.

<sup>19</sup> Abreu 1996: 171.

<sup>20</sup> Abreu 2021: 117.

<sup>21</sup> Tradução de Zhang Yunfeng.

Da mesma forma que em Ovídio a distância que ia de Roma a Tomos se media pela larga extensão de mar percorrido na viagem entre a primeira e a segunda, no poeta chinês só o grande rio consegue conhecer bem, no momento do adeus, a verdadeira dimensão da dor daquele que parte e também de quem fica.<sup>22</sup> Com a distância aumenta a saudade; olhar do cimo da montanha o longe é dela o retrato mais expressivo.<sup>23</sup>

Em tais circunstâncias, os sentimentos originados pela separação agudizam-se. O resultado é uma dolorosa sensação de solidão, que Ovídio exprimia recorrentemente através do adjetivo *solus*, como traço definidor do seu retrato (*Tr.* 2.189), agravado, além do mais, por barreiras linguísticas, que lhe impediam o contacto com quem o rodeava (*Tr.* 5.10.37-38). O poeta chinês exprime-o, por seu turno, em versos tão sentidos quanto belos; solitário, às portas da cidade (uma outra forma de exprimir a solidão), apenas tem como interlocutores os ventos de Outono que vão sussurrando na folhagem das árvores:<sup>24</sup>

我来竟何事，高卧沙丘城。  
城边有古树，日夕连秋声。

Que faço eu em Shaqiu?<sup>25</sup>  
Vivo solitário ouvindo, noite e dia,  
às portas da cidade, o sussurro de velhas árvores  
agitadas pelo vento do Outono.

Tudo se conjuga, no poeta romano, para fazer crescer a sua angústia de desterrado, agravada ainda pela consciência de que o regresso é impossível. Não apenas o impede a vontade do imperador, que nunca revogou o edito de expulsão, mas também, o que não é de somenos, as dificuldades da viagem, repleta de riscos no mar e em terra (*Tr.* 1.2; 1.4; 3.2.7-16). Li Bai, de modo semelhante, vê gelarem as águas do Rio Amarelo, sucederem-se nevões nas montanhas Taihang, tudo a impossibilitar o retorno. O desejo de

<sup>22</sup> Li Bai 2024: 21.

<sup>23</sup> Li Bai 2024: 33.

<sup>24</sup> Abreu 1996: 140; 2021: 74. Sempre que em nota se não mencione ser outra a responsabilidade da tradução do chinês, ela é de A. G. Abreu. Quanto à tradução dos textos latinos é de Carlos Ascenso André.

<sup>25</sup> Por uma questão de respeito pelos respetivos tradutores a versão em Pinyin dos nomes é sempre a que figura na tradução utilizada e devidamente referida. O mesmo sucede com a grafia chinesa.

«deslizar sobre as ondas» e, com «uma nuvem por vela», poder «atravessar o mar azul» não passa de uma utopia.<sup>26</sup> Pretende viajar para norte, mas o acumular de barreiras torna esse projeto impossível: caminhos pedregosos, desfiladeiros abruptos, avalanches, um clima intransponível. Em suma, «não se sabe quando poderá regressar à terra natal».<sup>27</sup> Ou, como dirá num outro poema em metáfora de notável expressividade, quem parte é «como flecha disparada por um arco», o que vale por dizer que vai e não volta.<sup>28</sup>

Neste mesmo poema, deixa evidente o desconforto que lhe transmite a terra da ausência, onde abundam feras e onde nada existe para comer, de tão estéril que é. Este é, aliás, um dos pontos de maior coincidência entre a poética ovidiana do exílio e a de boa parte dos desterrados de todos os tempos e de todas as literaturas e à qual o poeta chinês não fica indiferente.

Ovídio manifesta repetidamente em relação ao lugar de exílio uma visão disfórica e profundamente negativa: a paisagem é inóspita e árida, o clima é atroz, quase sempre caracterizado por invernos insuportáveis, o sentimento de insegurança é dominante.<sup>29</sup> O passo seguinte é particularmente expressivo:<sup>30</sup>

Nix iacet, et iactam ne sol pluuiæque resoluant,  
indurat Boreas perpetuamque facit.  
Ergo ubi deliquit nondum prior, altera uenit  
et solet in multis bima manere locis

A neve é um longo manto e esse manto nem sol nem chuva o derretem,  
o Bóreas a enrijece e a faz eterna;  
ainda a primeira se não derreteu, logo outra vem  
e costuma ficar dois anos em muitos lugares.

É tão rigoroso o inverno que o vinho chega a congelar dentro das ânforas e, em lugar de ser bebido, tem de ser sorvido em pedaços (*Tr.* 3.10.23-24); o próprio mar congela à superfície, de tal forma que suporta as passadas dos homens, o trote dos cavalos, a marcha lenta e pesada dos bois (*Tr.* 3.10.31-34).

<sup>26</sup> Abreu 1996: 246.

<sup>27</sup> Li Bai 2024: 61.

<sup>28</sup> Abreu 1996: 93.

<sup>29</sup> Besslich 1972: 179-182; Favez 1951: 432; Froesch 1976: 45-68; Evans 1975: 8-9; Gahan 1978.

<sup>30</sup> *Tr.* 3.10.13-16.

Também a geada é do mesmo modo uma presença insistente em Li Bai. Olha em volta, vê o chão todo branco, coberto dela, e assalta-o a saudade do lar;<sup>31</sup> longe de Chang'an, ou seja, da sua casa,<sup>32</sup> incomoda-o o zumbido dos insetos à beira do poço e atormenta-o a «geada fina»:<sup>33</sup>

微霜淅淅簷色寒.

... a geada fina fásca como um espelho na esteira fria.

Atenuava o poeta latino o sentimento da ausência escrevendo aos amigos; tanto os *Tristia* como as *Epistulae ex Ponto* são coletâneas das cartas que foi escrevendo com esse objetivo: *uobiscum cupio quolibet esse modo* — «estar convosco é o meu desejo, seja de que forma for» (*Tr.* 5.1.80). De entre os destinatários de tais cartas, ocupa lugar cimeiro a esposa, a quem endereça amiúde epístolas com finalidades várias: estar presente através da escrita junto dela e daqueles que ama; levar notícias do seu triste estado; obter apoio junto do imperador na esperança de que venha a revogar a ordem de degredo.

Também Li Bai escreve especialmente à esposa, mas não apenas a ela; não tem em vista qualquer apelo a uma intervenção junto do imperador, pois não existe no seu caso condenação alguma, mas coincide com Ovídio nos outros dois objetivos apontados: alcançar dessa forma a presença junto dela e levar notícias da sua desventura. Neste diálogo, encontramos algumas vezes uma diferença curiosa em relação a Ovídio: escolhe-a a ela como a voz que fala no poema, a queixar-se do silêncio nesse comércio epistolar, silêncio esse que mais agrava a angústia da ausência: «nenhuma carta vai, nenhuma carta vem, ambos dolorosamente separados». E diz pela voz dela que assim se amplia a solidão, «as sobranceiras unidas pela tristeza».<sup>34</sup>

Em outro poema, de uma beleza ímpar, onde a esposa menciona o longo tempo que dura já a separação (cinco primaveras seguidas a ver, sozinha, florir as cerejeiras), fala das suas cartas «rendilhadas», que está certa de o fazerem suspirar, e sublinha o seu estado de tristeza patenteado na imagem

<sup>31</sup> Abreu 1996: 99.

<sup>32</sup> Chang'an é a atual Xi'an, cidade que fica distante, portanto, de Chengdu, que Li Bai considerava sua terra natal. Mas, na sua vida errante, à ausência de um lugar onde permaneceu por largo tempo corresponde, na sua ótica, a designação de exílio.

<sup>33</sup> Abreu, 1996: 99; 2021: 117.

<sup>34</sup> Abreu 1996: 116.

de desleixo que dá de si mesma, pouco preocupada com o cuidar de seu aspeto por o ter a ele distante. E conclui em verso de amargurada beleza:<sup>35</sup>

愁如回飈乱白雪.

Minha tristeza é uma pena levada pelo vento,  
um floco de neve rodopiando no ar.

Curioso é que, no caso do poeta latino, é sempre dele a voz do poema, nunca dela, e é ele que se queixa do desleixo de si mesmo, embora ocasionalmente refira os reflexos que a sua ausência porventura estará a provocar nela.

Um outro tema que domina a poesia do exílio é o tempo. E não surpreende que assim seja, pois um exilado, como acima se demonstrou, é-o simultaneamente do espaço e do tempo. Parte-se de um lugar, mas parte-se igualmente de um tempo determinado, ao qual jamais será possível regressar.<sup>36</sup> Não se trata de um duplo desterro, mas apenas de um só, simultaneamente no tempo e no espaço. Daí que, do mesmo modo que é recorrente a comparação de espaços, isto é, da terra pátria com a terra de exílio, seja também recorrente a comparação de tempos, o do passado e o do presente.

Essa comparação entre passado e presente é sobremaneira visível no poeta chinês, mais até que no poeta latino.

Em poema a que o tradutor português Graça Abreu deu o sugestivo título de “Nostalgia” (diferente da versão original chinesa, onde o título apenas remete o leitor para uma dedicatória à esposa), evoca os dias em que ela se debruçava sobre ele, a contrastar com os de agora, marcados pelo afastamento, quando para sempre estão afastados.<sup>37</sup>

De maior expressividade é o confronto entre a ventura do passado e a penúria do presente em poema escrito de Chiang-hsia: ontem bebia vinho rodeado de companheiros elegantes e ricamente trajados, hoje está doente e emudecido; ontem montava cavalos imponentes, hoje mais não tem que uma pobre e mísera montada e é assim que segue a caminho do desterro.<sup>38</sup> Este é um sentimento amargo que o acompanha na viagem para o exílio, em poema dedicado a Hsin. Lembra Chang’an, terra de partida (ou que

---

<sup>35</sup> Abreu 1996: 241.

<sup>36</sup> Jankélévitch 1974: 36.

<sup>37</sup> Abreu 1996: 171.

<sup>38</sup> Li Bai, 2024: 65.

nele se desenha como tal) e compara com os dias do presente: ontem, entre jardins e cortesãs e filhos da nobreza, fruía o prazer do vinho; ontem convivia com heróis e ostentava juventude; ontem a cabeleira esvoaçava ao vento a caminho do palácio onde iria apresentar seus poemas; ontem vivia no fausto de banquetes e em ambiente de danças e festins; hoje crescem ervas daninhas à sua volta, hoje sopra um vento carregado de poeiras, hoje surgem diante de si bárbaros em seus cavalos, como sucedia ao poeta latino, confrontado diariamente com hordas de bárbaros a investirem contra as muralhas de Tomos.<sup>39</sup>

À semelhança de Ovídio, receia que a ausência produza um outro efeito, não menos temível: apagá-lo da memória das gentes com quem vivia nos dias da ventura. O poeta latino temia-o e pensava que aqueles que o idolatravam viriam a esquecê-lo; o poeta chinês acha que, depois da partida, nenhum traço dele sobra na memória dos homens.<sup>40</sup>

Uma das maiores angústias de qualquer exilado e um dos pavores que mais o atormenta é a incerteza do regresso. Sentia-o Ovídio, que se multiplicava em pedidos ao imperador, diretamente ou por intermédio da esposa e dos amigos, para que lhe comutasse a pena ou para que ao menos a atenuasse, trocando-lhe Tomos por um lugar mais próximo de Roma e mais seguro. Por isso, ao comparar a sua sorte com a daquele que era o paradigma mítico do desterrado, Ulisses, afiançava que bem maior era a sua própria desventura que a do herói homérico, porque esse estava, ao menos, seguro de rumar a sua pátria, Ítaca.<sup>41</sup>

Ille suam laetus patriam uictorque petebat;  
a patria fugi uictus et exul ego.

Ele, pleno de contentamento e coroado de vitória, era a pátria  
que buscava:  
da pátria parti eu, com a humilhação da derrota e do exílio.

Assim é com qualquer desterrado, que sabe, além do mais, que à incerteza do regresso a casa se junta a quase certeza da impossibilidade de esse regresso ser total, por apenas acontecer no espaço e nunca no tempo.

<sup>39</sup> Li Bai 2024: 62.

<sup>40</sup> Li Bai 2024: 17.

<sup>41</sup> *Tr.* 1.5.65-66.

Li Bai vive essa mesma angústia, ou melhor, coloca-a na boca da esposa, o que, afinal, vai dar ao mesmo: tem consciência de ser sabido o dia da separação, mas de ser impossível saber o do regresso.<sup>42</sup> Ela mesma, a esposa, apelará ao vento em outro poema a que traga de volta a nuvem, ou seja, o marido desterrado, cujo retorno há tanto tempo aguarda. Mas a incerteza é mais forte:<sup>43</sup>

落花寂寂委青苔

A flor caída continua imóvel,  
quieta sobre o musgo verde.

Por sua própria voz, no entanto, reconhece o poeta ser difícil esse regresso, senão mesmo impossível, por serem muitas as encruzilhadas, por estarem geladas as águas do rio e cobertas de neve as altas montanhas. Vale a pena citar de novo os versos já atrás referidos:<sup>44</sup>

行路难，行路难，多歧路，今安在

Difícil a viagem, difícil a viagem!  
Quantas encruzilhadas, qual escolher?

Em poema dedicado aos filhos, deixa sem resposta a pergunta angustiada:<sup>45</sup>

谁种龟阴田

Para quando o meu regresso?

À semelhança de Ovídio, também Li Bai não perde por completo a esperança; se o poeta romano acreditava na possibilidade de o imperador, um dia, poder vir a perdoá-lo e a permitir-lhe voltar, Li Bai, não obstante afirmar que nunca se sabe quando poderá retornar à terra natal, chega a exprimir a crença também num perdão que lhe permita esse regresso.<sup>46</sup>

<sup>42</sup> Abreu 1996: 93.

<sup>43</sup> Abreu 1996: 241.

<sup>44</sup> Abreu 1996: 246; 2021: 128.

<sup>45</sup> Abreu 1996: 200.

<sup>46</sup> Li Bai, 2024: 61-62.

À medida que o tempo passa, entretanto, o poeta olha em volta e só vê uma paisagem de desolação. Era assim com Ovídio, que mais não via em torno de si do que morte, destruição, aridez. Ele mesmo é disso o reflexo: vai ficando débil, a saúde é cada vez mais frágil, faltam-lhe as forças, já não é mais do que um quase cadáver, a adiar a morte (*Tr.* 3.8.33-34):

Nec melius ualeo, quam corpore, mente, sed aegra est  
utraque pars aequae binaque damna fero.

E não tem mais vigor a alma que o corpo, antes caíram doentes  
um e outro, e dobrados são os males que padeço.

É assim também com o poeta chinês; quando olha em seu redor depara com imagens de ruína, gritos de aflição, aridez na natureza. Até no retrato que dá de si próprio é visível a coincidência entre a disforia do contexto envolvente e a decadência pessoal: as roupas estão esfarrapadas, o corpo «mais seco e áspero do que um arbusto seco», numa penúria total.

Novidade em relação a Ovídio é o facto de os efeitos da separação se fazerem sentir também nela, isto é, na esposa. Além do desleixo na imagem, como se viu, a tristeza é ilimitada, afirmação transmitida através de uma imagem de grande valia estética e enorme efeito visual, já acima citada e que vale a pena repetir:<sup>47</sup>

愁如回飈乱白雪

Minha tristeza é uma pena levada pelo vento,  
um floco de neve rodopiando no ar.

Não é apenas depois de longo tempo na terra de exílio que este faz sentir as suas consequências no ânimo do poeta. Ovídio dedica a décima elegia do livro I dos *Tristia* a descrever a viagem de Roma até Tomos. É constante ao longo da viagem o sentimento de insegurança, a incerteza, a angústia. Assim também Li Bai, no percurso para o exílio, se sente perdido nos caminhos que tem pela frente, «longe de casa», sem saber responder a quem lhe pergunta qual o seu rumo.<sup>48</sup> Depois, já distante, é apenas «um pessegueiro florescendo no fundo de um poço», o mesmo é dizer uma árvore

<sup>47</sup> Abreu 1996: 241.

<sup>48</sup> Li Bai 2024: 56.

sem luz e sem futuro, ao passo que ela, abandonada em leito solitário do qual não ocupa sequer mais de metade, está reduzida à dimensão das lágrimas, a esvaír-se no tempo como as pétalas fugazes de uma flor.<sup>49</sup>

Essa é a imagem que o poeta dá de sua esposa, assim a retratando igual a si mesmo: rosto cada vez mais envelhecido, cabelos brancos a multiplicarem-se de ano para ano, o pó de arroz espalhado ao acaso e com desleixo no rosto descuidado, uma espécie de cadáver adiado, se é legítimo parafrasear um poeta português de muitos séculos depois:<sup>50</sup>

影中金鵲飞不灭，台下青鸾思独绝。

No reflexo, o pássaro dourado voa sem se apagar,  
Sob o terraço, a fênix verde pensa em solidão absoluta.<sup>51</sup>

Esta presença da morte tornou-se também repetitiva e quase obsessiva na poesia ovidiana, à medida que o exílio ia progredindo no tempo. Considerava, aliás, que morrera já no momento da partida:<sup>52</sup>

Cum patriam amisi, tunc me periisse putato!  
Et prior et grauior mors fuit illa mihi.

Quando perdi a pátria, foi então que sucumbi, podes crê-lo;  
a primeira e mais grave morte que sofri foi essa.

E, bem mais tarde, já na segunda coletânea de poemas do exílio, as *Epistulae ex Ponto*, o quadro de desolação levava-o à imagem da morte:<sup>53</sup>

Quid enim status hic a funere differt?

Esta vida, em que se distingue ela da morte?

Ou ainda:<sup>54</sup>

<sup>49</sup> Abreu 1996: 171 e 116.

<sup>50</sup> Li Bai 1996: 93.

<sup>51</sup> Tradução de Zhang Yunfeng.

<sup>52</sup> *Tr.* 3.3.53-54.

<sup>53</sup> *Pont.* 2.3.3.

<sup>54</sup> *Pont.* 1.7.10.

Si uita est mortis habenda genus.

Se vida pode chamar-se a esta forma de morte.

Assim sendo, nada mais lhe resta do que aguardar a descida à sepultura:<sup>55</sup>

Si genus est mortis male uiuere, terra moratur  
et desunt fatis sola sepulcra meis.

Se uma forma de morte é viver na desgraça, só a terra tarda ainda,  
e falta a meus fados somente a laje de um túmulo.

Não é tão obsessiva a evocação da morte nos versos do poeta chinês, mas, como se viu, não deixa de ser um elemento presente.

Perante a impossibilidade de fazer a viagem até ao lugar de origem, o desterrado usa de meios alternativos para a concretizar, ilusoriamente que seja: as cartas, por exemplo, como atrás se viu, tanto em Ovídio como em Li Bai, e no caso do poeta romano até mesmo o seu livro, que envia a Roma em sua representação; assim o afirma, logo na abertura dos *Tristia*:<sup>56</sup>

Parue — nec inuideo — sine me, liber, ibis in Urbem:  
ei mihi, quod domino non licet ire tuo!

Na tua pequenez — e nisso te não invejo — ó meu livro, partirás  
sem mim a caminho da Urbe;  
pobre de mim, pois a teu amo não é lícita uma tal viagem!

Li Bai não procede de modo diverso; saudoso de casa e dos filhos, além de desejar que o vento (que noutro passo era fator de separação) lhe leve de volta o seu coração e o deposite na adega da família, envia também em sua representação um poema, escrito num pedaço de seda:<sup>57</sup>

裂素写远意

Tomo um pedaço de seda,  
escrevo, e mando-vos este poema.

<sup>55</sup> *Pont.* 3.4.75-76.

<sup>56</sup> *Tr.* 1.1.1-2.

<sup>57</sup> Abreu 1996: 200; 2021: 99-100.

Como se diz no começo destas breves reflexões, não se pretende de modo algum estabelecer um leque de influências (impossíveis, importa sublinhá-lo de novo) da poesia ovidiana na poesia de Li Bai. Pretende-se tão somente apontar curiosos paralelismos, os quais, quando muito, revelam como o sentimento do exílio e a sua expressão poética podem resultar em coincidências entre literaturas, épocas, culturas e latitudes tão distintas e tão distantes.

## Bibliografia

- Abreu, A. G. (1996), *Poemas de Li Bai* (2ª ed.). Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Abreu, A. G. (ed. e trad.) (2021). *Cem poemas de Li Bai*. Lisboa: Editora Lua de Marfim.
- Alberto, P. F. (1997), *Ovídio*. Lisboa: Inquérito.
- André, C. A. (1991), “Uma planura ressequida: Ovídio e a poética do exílio”. *Biblos* 67: 77-101.
- André, C. A. (2007), “A poética do exílio”, in A. Lopez Eire, M. C. Fialho e M. L. Portocarrero (coord.), *Poética(s): em diálogo com Aristóteles*. Lisboa: Ariadne, 189-214.
- Besslich, S. (1972), “Ovid’s Winter in Tomis: zu *Trist.* 3.10”. *Gymnasium* 79: 177-191.
- Binns, J. W. (ed.) (1973), *Ovid*. London and Boston: Routledge & Kegan Paul.
- Brodsky, J. (1989), “Cette condition que nous appelons l’exil”. *Le genre humain*. Émmigrer — *immigrer*, Paris, Seuil: 97-97.
- Corte, F. della (1988), “Le opere dell’esilio di Ovidio”. *Opuscula XI*. Genova: Facoltà di Lettere, 111-160.
- D’Elia, S. (1959), *Ovidio*. Napoli: Istituto Editoriale del Mezzogiorno.
- Equipe de Recherche sur le voyage (1986), *Exil et littérature*. Présenté par Jacques Mounier. Grenoble: Université des Langues et Lettres.
- Evans, H. B. (1975), “Winter and warfare in Ovid’s Tomis (*Tristia* 3.10)”: *CJ* 70.3: 1-9.
- Evans, H. B. (1983), «Publica carmina»: Ovid’s books from exile. Lincoln and London: University of Nebraska Press.
- Exner, R. (1986), “*Exul poeta* : theme and variations”: *Books Abroad* 50.2: 285-295.
- Favez, C. (1951), “Les Gètes et leur pays vus par Ovide”: *Latomus* 10: 425-432.
- Fränkel, H. (1969), *Ovid, a Poet between two Worlds*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- Froesch, H. (1976), *Ovid als Dichter des Exils*. Bonn: Bouvier Verlag Herbert Grundmann.

- Gahan, J. J. (1978), "Ovid: the poet in Winter": *CJ* 78.3: 198-202.
- Giamatti, A. B. (1984), *Exile and change in Renaissance literature*. New Haven and London: Yale University Press.
- Guillén, C. (1976), "On the literature of exile and counter-exile": *Books Abroad* 50.2: 271-280.
- Guillén, C. (2005), *O sol dos desterrados: literatura e exílio* (título original: *El sol de los desterrados: literatura y exilio*). Lisboa: Editorial Teorema.
- Ha Jin, (2019). *The Banished Immortal - a Life of Li Bai (Li Po)*. New York: Vintage Books.
- Holzberg, N. (2002). *Ovid: the Poet and his work*. Ithaca & London: Cornell University Press.
- Jankélévitch, V. (1974), *L'irréversible de la nostalgie*. Paris: Flammarion.
- Karátson A. et Bessière, J. (1982), *Déracinement et littérature*. Lille: Université de Lille.
- Knox, P. E. (2002), *Oxford Readings in Ovid*. Oxford: Oxford University Press.
- Knox, P. E. (ed.) (2009), *A companion to Ovid*. West Sussex: Blackwell Publishing Ltd.
- Lagos-Pope, M.-I. (ed.) (1988), *Exile in literature*. Lewisburg: Bucknell University Press; London and Toronto: Associated University Press.
- Li Po (2024), *Um copo de vinho no exílio*. Lisboa: Licorne.
- Nagle, B. R. (1980), *The poetics of exile: program and polemic in the Tristia and Epistulae ex Ponto of Ovid*. Bruxelles: Latomus.
- Nascimento A. A. e Pimentel, M. C. S. (coord.) (2007), *Ovidio: Exílio e Poesia. Leituras Ovidianas no Bimilenário da "relegatio"*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos.
- Prevost C. (1979), *Littératures du dépaysement*. Paris: Les Éditions Français Réunis.
- Said, E. W. (2000), «Reflections on exile»: in *Reflections on Exile and other Essays*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University, 173-186.
- Sgard, J. (1986), "Conclusions": in Equipe de Recherche sur le Voyage, *Exil et littérature*. Grenoble: Université des Langues et Lettres, 289-299.
- Sladits, L. L. (1977), *Beneath another sun: literature in exile*. New York: The New York Public Library.
- Strelka, J. (1981), "Topoi der Exilliteratur": *Zeitschrift für Deutsche Philologie* 100:219-232.
- Vasano, P. M. (2003), *The Banished Immortal: The Poetry of Li Bo and it's critical reception*: Honolulu, University of Hawai'i Press.
- Waley, A. (1950). *The Poetry and Career of Li Po*. New York: MacMillan.
- Wilkinson, L. P. (1962), *Ovid Surveyed*. Cambridge: At The University Press.